

**PROSÓDIA E
SIGMANULOGIA
NA PERSPECTIVA
DOS ESTUDOS
TERMINOLÓGICOS
DA LÍNGUA DE SINAIS
BRASILEIRA**

LÚCIO LUGÃO MACEDO
WAGNER CABRAL SANTOS

RESUMO

Neste trabalho analisamos os estudos dos autores William Stokoe (1960) sobre fonologia, quirologia, sigmanulogia, política linguística, para discutir os estudos acadêmicos voltados a terminologia; e de Costa (2012), como a criação de dicionários e glossários em Libras. Elegemos a perspectiva dos estudos da sigmanulogia e prosódia (NÓBREGA, 2016; LEITE, 2008) sobre ambiente linguístico confortável, para desenvolver esta pesquisa quantitativa/qualitativa. Com esta pesquisa buscamos identificar como as pessoas surdas se sentem sobre o surgimento de novos sinais e se no processo de formação de sinais há preocupação com regras e estrutura linguística. O objetivo é pensar as atuais políticas linguísticas de defesa da língua de sinais e a relação com a construção da aprendizagem de conhecimentos novos com professores surdos.

Palavras-chave: Prosódia. Sigmanulogia. Terminológicos. Política linguística. Libras.

INTRODUÇÃO

É presente a preocupação com políticas linguísticas na área de língua de sinais no Brasil. Entre as ações atuais neste sentido, existe a produção de glossários/manuários, com a consequente criação de termos em sinais. Os termos são criados com respeito às características, à estrutura e aos parâmetros da Língua Brasileira de Sinais/Libras. Em parte, essas ações vêm ocorrendo pela necessidade de ouvintes, que indagam à comunidade surda sobre termos da língua de sinais equivalentes aos da Língua Portuguesa, principalmente em áreas acadêmicas e científicas.

A comunidade surda tem grande preocupação com a preservação e o respeito à língua de sinais e portanto questiona se estas criações respeitam, de fato, as características linguísticas. Essa preocupação manifesta o desejo de valorizar o conhecimento da língua de sinais como língua de pensamento das pessoas surdas.

LÚCIO LUGÃO MACEDO

Professor mestrado Lúcio Lugão Macedo, luciomacedo2@gmail.com.

WAGNER CABRAL SANTOS

Professor especialista Wagner Cabral dos Santos, w7cabral@gmail.com.

A defesa e a proteção da língua de sinais, mais que significar uma auto-suficiência e o direito de pertença a um mundo particular, parecem significar a proteção dos traços de humanidade, daquilo que faz um homem ser considerado homem: a linguagem. (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 566).

A preocupação aumenta quando os termos criados têm como base letras – indicando que o surgimento dos sinais muitas vezes está marcado pela presença da Língua Portuguesa.

Segundo Ana Paula Santana e Alexandre Bergamo (2005), a defesa e a proteção da língua de sinais na interação com a comunidade surda é uma questão central.

Por isso, pretende-se aqui investigar as regras em Libras para a criação e o uso de terminologias em Libras, como a criação de dicionários, glossários, manuais, dentro dos estudos da sigmanologia. Assim, foram realizadas entrevistas, a análise dos resultados e registros. Com esta pesquisa foi possível compreender como as pessoas surdas se sentem com relação ao surgimento de novos sinais e se há preocupação com as regras e estruturas linguísticas em ambiente favorável na sua própria língua. Com base nisso, faremos reflexões e discussões sobre o tema.

DESENVOLVIMENTO

Prosódia e sigmanologia se propõem a estudar a forma da língua: acento, ritmo, pausa, entonação e velocidade – que são identificados como aspectos prosó-

dicos. Primeiro vamos entender o que é sigmanologia, e também quais são os principais parâmetros – como configuração do mãos, locação e movimento, orientação e expressão facial e corporal das línguas de sinais.

Diferente da comunicação praticada por ouvintes, que tem como foco a entonação da voz para se fazer entender, a língua de sinais é expressa por intermédio de toda uma movimentação corporal e facial.

De modo que, nas duas vertentes, a gramática tem como propósito orientar o uso da língua por meio de um conjunto de regras que definem o padrão da norma culta. Essas regras se encontram em constante mudança, pois a língua é um organismo vivo em evolução. Por serem influenciados pela sociedade, esses padrões podem cair em desuso, sendo substituídos por novas normas.

Na língua de sinais, a criação de novas palavras se dá não só de acordo com a necessidade, mas também com a ampliação das relações e espaços ocupados pela comunidade surda na sociedade. Um exemplo é o desenvolvimento do termo “ciências sociais” na língua de sinais, originado do termo sociedade, que originou uma nova palavra.

A língua falada sofre uma série de influências do cotidiano, e pode ser expressa de acordo com a situação do orador, não seguindo a norma culta. Essa dinâmica também ocorre na língua de sinais, pois ela se adequa à comunidade do falante.

De modo que a prosódia relaciona a gramática com a pronúncia correta das palavras e aos recursos fonéticos relacionados à comunicação oral e à entonação, pois através dela são expressos os sentimentos do falante.

Na língua de sinais, a criação de sinais não manuais desenvolvidos nos anos 80 equivaleria à dinâmica das línguas orais.

Dentre as funções atribuídas à prosódia, a que mais diretamente interessa ao presente estudo é a da segmentação gramatical do discurso por meio da imposição de agrupamentos prosódicos [...] uma maneira mais óbvia de se identificar pausas é observando o momento em que as mãos retornam do espaço de sinalização para uma posição de repouso [...] a língua de sinais pode ser "mais complexa", envolvendo período relativamente prolongado de tempo. (ARANTES; LEITE, p. 30).

Por meio do modo como a fala é empregada, é possível estabelecer o nível de interação social entre os indivíduos envolvidos. Dessa maneira o acento, o ritmo, a pausa, a entonação e a velocidade são identificados como aspectos prosódicos.

Segundo o autor Tarcísio Leite, na língua de sinais a diferença de entonação se expressa pela movimentação de sobrancelha, pálpebras, boca e cabeça:

A análise das piscadas, argumenta que, na literatura sobre o sistema ocular, tal fenômeno se mostra relacionado a [...] tais piscadas sejam movimentos fisiológicos involuntários que acabam submetidos à organização da língua [...]

Nestor e Sandler (1986) reforçam essa proposta, fazendo uma analogia entre a necessidade de piscadas durante a produção de fala sinalizada, e a necessidade de inspiração de ar durante a produção de fala oral, responsável pela ocorrência de pausas nas fronteiras entre unidades gramaticais. (ARANTES; LEITE, p.32).

De acordo com Nobreza (2016, p. 198), as línguas de sinais são de modalidade visuo-gestual, o acesso a elas se dá pela visão e não pela audição, como ocorre nas línguas orais. Nos estudos linguísticos sobre línguas de sinais são adotados termos advindos de teorias pensadas para as línguas de modalidade oral, a exemplo de fonética e fonologia. Ambos os termos fazem referência a som, o que não condiz com as línguas de sinais. Assim, neste trabalho propomos uma discussão sobre a adequação terminológica para a descrição de línguas de sinais: o que se denomina Fonologia passa a se chamar Sigmanuologia, Fonética passa a Signética, e Fônema, a Signema. Tudo isso apresentando imagens representando os sinais de cada termo.

Embora os estudos concernentes às línguas de sinais usem os termos Fonética e Fonologia de modo operacional, cabe considerar que o fazer científico carece de precisão terminológica, o que não ocorre em estudos de línguas de sinais. Propomos abrir uma discussão para definir uma nomenclatura adequada à modalidade dessas línguas.

Nos dedicamos à proposta do autor Valdo Nobreza (2016, p. 201), que realizou sua pesquisa de mestrado sobre o conceito de sigmanulogia – definida como a aglutinação dos conceitos *signo*, *manual* e *logia*; e à proposta do autor Stokoe (1960), que analisou a fonologia da ASL (American Sign Language), que tem parâmetros como movimento, locação e configuração do mão. O termo *fonologia* poderia ser atualizado para a palavra sigmanulogia.

Tuxi dos Santos, em sua pesquisa sobre a Terminologia do Meio Ambiente, destaca os fenômenos linguísticos de composição, derivação, extensão lexical, iconicidade, empréstimos nas LS, metáforas, metonímias, classificadores, categorização e protótipo como mecanismos de criação de sinais, como explicitamos no tópico anterior. Para fins de explicitação de nosso pensamento, retomaremos os mecanismos morfológicos de formação de sinais, quais sejam, derivação, composição, extensão lexical e iconicidade, conforme apresentados pelos autores Nascimento (2016) e Patrícia (2017, p.52)

Como pesquisadores surdos, propusemos questões sobre o tema para a comunidade surda, numa entrevista semi-aberta, com a possibilidade de os entrevistados expressarem suas opiniões. Percebemos que muitos na comunidade surda acreditam que criar sinais a partir de letras do alfabeto pode representar um problema para a língua de sinais e causa conflitos.

Durante o tempo em que experimentamos discutir sobre este tema, percebemos que algumas formações naturais em língua de sinais foram substituídas, e que houve a criação de sinais a partir de letras. Nossa questão é como isto influencia os surdos na criação de sinais aleatórios e de glossários.

Pretendemos com esta pesquisa conhecer um pouco mais sobre os atuais movimentos ocorridos na língua de sinais com o aumento do registro de vocabulários e da criação de termos, verificando se aplicar é aplicável aos estudos de sigmanulogia e prosódia em Libras. Neste trabalho, a pesquisa é quantitativa com análise qualitativa.

De fato é importante o surdo ter oportunidades nas universidades federais em todo o território nacional para que procure o espaço linguístico/cultural e político na pós-graduação em nível de mestrado e doutorado e também na pesquisa sobre educação de surdo e Língua de Sinais. (COSTA, 2005 apud SCHMITT, p.104).

Percebemos que em muitas discussões os professores não focam nas estratégias e regras para a elaboração de glossários e termos, ao discutirem se é possível usar e acrescentar composição, ou usar letras, não considerando a prosódia em língua de sinais, ou o contexto, além de possibilidades como marcas visuais, iconicidade e arbitrariedade. Não se pode dizer que algo está proibido, pois é necessário atentar para a prosódia do contexto em Libras.

METODOLOGIA

A coleta dos dados foi realizada através de questionário semiaberto, a partir de uma abordagem quantitativa, com a apresentação do resultado em gráficos.

O questionário do tipo fechado, segundo Gil (2008, p.122), tem na sua construção questões de respostas fechadas, que possibilitam a comparação com outros instrumentos de coleta de dados. Esse tipo de questionário facilita o tratamento e a análise da informação, exigindo menos tempo. Porém, esse tipo de questionário não permite compreender informações de forma mais ampla. Por isso, optamos neste trabalho para por um questionário semiaberto, permitindo que os participantes emitissem opiniões sobre as questões propostas.

Conforme Gil (2010), os questionários de pesquisa quantitativa e qualitativa com tradução em Libras devem ser divulgados em rede social, pois estas facilitam o acesso ao questionário por um grande número de participantes.

Segundo Mattar (1996), o método da entrevista pode variar – o que poderia incluir o uso de celular. O essencial é o registro das respostas.

Então, aproveito para complementar que utilizamos o celular como meio de permitir o envio de vídeos através de diversos aplicativos e a criação de grupos de conversas para facilitar a comunicação e o registro das respostas.

Para as questões, fizemos gravações em Libras, para que todos os participantes surdos pudessem compreendê-las. Essas filmagens foram feitas em estúdio profissional. Durante a gravação, foram consideradas as questões referentes a seleção de imagens, iluminação, fundo chroma key, roupa do apresentador, entre outras. A máquina utilizada foi uma câmera filmadora profissional modelo Canon 7D.

A filmagem e edição do vídeo com programa cut pro final foi realizada pelo autor desta pesquisa que possui conhecimentos e capacitação para realizar trabalhos com filmagem e edição de vídeos profissionais.



Figura 1 – O estúdio dispõe de fundo chroma key na cor verde

Rosso e Oliveira afirmam:

Segundo MACEDO, (2017, p. 87), para a sinalização devem-se usar blusas ou camisetas, com mangas curtas ou longas, o decote não deve ser aberto, não deve ter estampas, formas, listras, botões ou bolsos. Se tratando de produto audiovisual corroboramos com ele ao sugerir que: pessoas de pele clara usem preto e pessoa de pele escura usem cinza. Os autores apontam ainda que para a execução de artigos científicos fica a seguinte orientação: a – Pessoas de pele clara devem utilizar camisas com cor azul marinho para os títulos, preta para os textos e vermelha para as citações; b – Pessoas morenas ou negras devem utilizar camisas com cor bege para os títulos, cinza para os textos e vermelha para as citações. Entendemos que as determinações (a e b) aplicam-se apenas à elaboração de artigo científico e não se aplicam às produções de Janela/Espaço de Libras, devido ao retorno imagético existente neste tipo de tradução acessível. Rosso e Oliveira. (2012, p. 3).

Sendo assim, em nosso vídeo buscamos usar camisa e paletó de cor preta em função da cor de pele branca do apresentador.

Também houve o cuidado de não usar roupa com estampas, listras ou bolsos, de maneira a apresentar um material mais claro e acessível para a comunidade surda.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia da Língua de Sinais (CILLTTLS) e o II Fórum Internacional sobre Produção de Glossário e Dicionário em Línguas de Sinais, no dia 15 de agosto de 2018, este trabalho foi apresentado em forma de Comunicação oral/sinalizada, com o tema “Prosódia Sigmanológica na Perspectiva dos Estudos Terminológicos”. Também no XVII Congresso Internacional e XXIII Seminário Nacional do INES, que aconteceu entre 18 a 20 de setembro de 2018, os autores apresentaram trabalho sobre esta pesquisa em forma de pôster, intitulada “Prosódia e Sigmanulogia na Perspectiva dos Estudos Terminológicos da Língua de Sinais Brasileira”. Nesse último, foi conferida uma premiação ao trabalho, quando nos



Figura 2 – Edição de vídeo para chroma key como parede branca e camisa preta.

foi feito o convite para a publicação da pesquisa em forma de artigo na Revista Arqueiro – publicação vinculada ao INES.

Neste trabalho, analisamos e discutimos a política linguística levando em consideração seus aspectos positivos e negativos. O desafio deste trabalho é compreender a opinião de surdos sobre a valorização da língua de sinais, demonstrando preocupação com a interação efetiva dos surdos na sociedade.

Portanto, em se tratando de documentos universais, a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de 1996, objetivando apoiar e promover os direitos linguísticos, expõe:

2. Esta Declaração considera que os direitos coletivos dos grupos linguísticos podem incluir ainda, [...] o direito ao ensino da própria língua e da própria cultura; o direito de dispor de serviços culturais; o direito a uma presença equitativa da língua e da cultura do grupo nos meios de comunicação; o direito a serem atendidos na sua língua nos organismos oficiais e nas relações socioeconômicas. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS).

No Brasil, após as lutas da comunidade surda, num movimento de valorização da identidade surda e de seus direitos, foi promulgada a lei 10.436/02, onde a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecido legalmente.

A partir daí, diversas políticas têm sido criadas, incluindo aquelas para divulgação, difusão e uso da língua de sinais – como a criação e apresentação de glosários. Estas criações têm sido alvo de

discussões na comunidade surda. Nossa pesquisa tem como objetivo contribuir para tais discussões. Para isso, realizamos 14 perguntas aos participantes, que apresentamos a seguir:

Qual é a sua escolaridade?

1. Você é a favor de se criar sinais a partir da letra inicial da palavra em português?

2. Você é a favor do estudo das terminologias em Libras, com criação de dicionários, glossários, manuais dentro dos estudos da sigmanulogia?

3. Você acha que qualquer pessoa pode criar termos em sinais livremente?

4. Você já viu surdos achando normal a criação de sinais a partir de letras?

5. Você já viu surdos reclamando da criação de sinais a partir de letras?

6. Você já viu surdos que não são do meio acadêmico achando normal a criação de sinais a partir de letras?

7. Você acha necessária a criação de um novo sinal quando já existe algum com o mesmo sentido (Por exemplo, o sinal de "ESTADO")?

8. Você concorda que alguns sinais surgem com letras, mas depois se modificam e se adaptam às regras com o passar do tempo?

9. Você concorda que existam estudos para criar sinais por áreas de conhecimento (Ciências, Geografia...)?

10. Você já percebeu a existência de sinais que têm configurações de mão

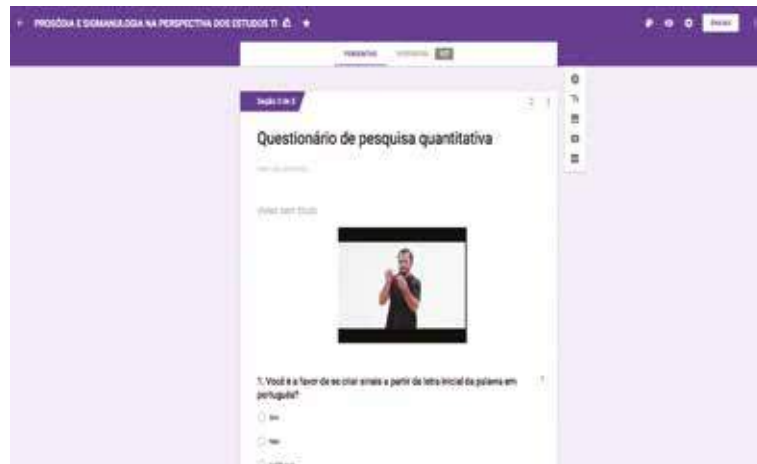


Figura 3 – Formulário Google de perguntas.



Figura 4 – As entrevistas foram realizadas com 119 pessoas, de vários estados do Brasil.

que aparecem no alfabeto, mas que o sinal não está ligado à letra?

11. Você acha que existe pressão dos ouvintes para a criação de glossário quando não sabem ou não encontram sinais específicos?

12. Você acha que isso influencia os surdos na criação de sinais aleatórios e de glossários? 13. Você conhece gestos que surgiram espontaneamente a partir de letras?

14. A linguagem gestual pode ser considerada como parte das regras na

língua de sinais, dentro dos estudos da sigmanulogia?

Permitimos que professores e estudantes surdos relatassem suas experiências em formulário Google de perguntas.

Este trabalho apresenta uma abordagem quantitativa e qualitativa de análise de dados.

As entrevistas foram realizadas com 119 pessoas surdas do Ensino Médio e Ensino Superior.

Seguem dados referente à escolaridade dos informantes:



Figura 5 – Gráfico sobre a escolaridade como quantidade categorias de formação.

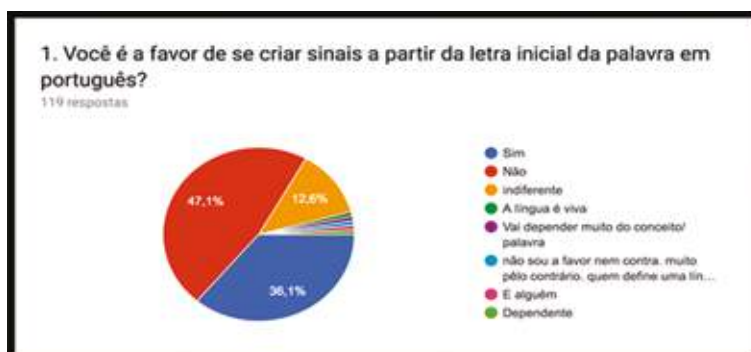


Figura 6 – Gráfico sobre favor se criar sinais a partir das letras.

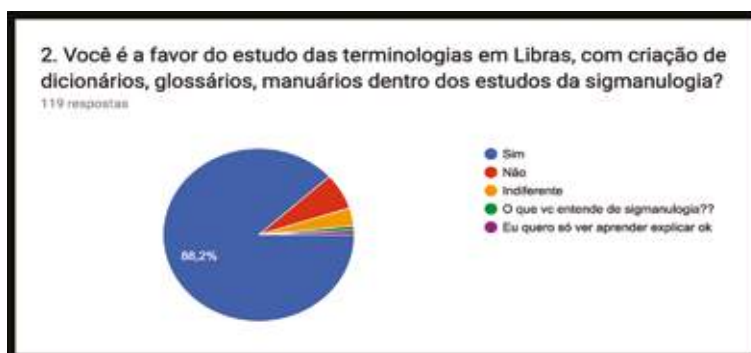


Figura 7 – Gráfico sobre favor do estudo terminologia em Libras.

Nem todos os surdos têm contato com o tema do trabalho, visto que muitos não estão em contato com o meio acadêmico e as discussões ali realizadas. Deste modo, fica claro que é preciso refletir sobre a organização dos princípios referentes à base sigmanulogia, prosódia, terminologia e lexicologia e sua importância neste cenário.

Nas perguntas sobre o estudo das terminologia em Libras, os surdos se

mostraram em sua maioria contrários à criação de sinais a partir de letras do alfabeto. Ao mesmo tempo, a maioria, 88,2%, é a favor do estudo de termos e suas criações.

É interessante observar que, independentemente do uso ou não de letras do alfabeto, a maioria – 74,8% – não concorda com a criação indiscriminada de sinais, o que pode evidenciar uma defesa da língua de sinais e sua valorização.

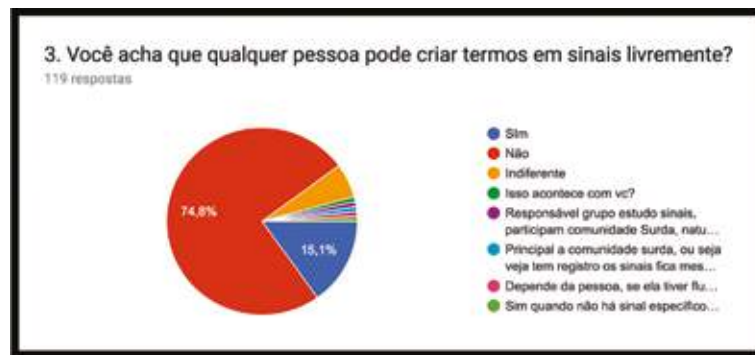


Figura 8 – Gráfico sobre sinais livremente.

Quando perguntados sobre a normalização da criação de sinais, muitos surdos evidenciaram que já perceberam que este processo pode ser recorrente. Ainda assim, a maioria não concorda com a substituição de sinais mais antigos por sinais criados recentemente durante a produção de manuais. Também vale destacar que a maioria não se posiciona contra os estudos ou os novos sinais, e sim se preocupa com a maneira como são propostos.

CONCLUSÃO

Diversos professores surdos responderam ao questionário de pesquisa apresentado aqui, referente à defesa da Língua de Sinais Brasileira, com relação às políticas linguísticas, e puderam expor sua opinião e seus argumentos, que foram utilizados no registro.

Entre alguns aspectos, destacamos a defesa da língua de sinais, que muitos surdos do meio acadêmico, conhecedores das políticas linguísticas, demonstram. O posicionamento de não aceitarem sinais criados a partir da letra inicial da palavra em português demonstra a

preocupação com a preservação das características linguísticas da língua de sinais. Para a maioria dos entrevistados, os estudos das terminologias em Libras, com a criação de dicionários, glossários, manuais dentro dos estudos da sigmanologia, devem continuar. Todavia, avaliam como negativa a criação indiscriminada de termos em sinais livremente, sendo necessário um estudo para melhor entender como seria a organização de vocabulário em Libras por áreas de conhecimento das diversas disciplinas.

Como ponto negativo, ficou registrado que existe uma certa pressão dos ouvintes para a criação de glossário para quando não sabem ou não encontram sinais específicos, também influenciando os surdos na criação de sinais aleatórios e de glossários, o que pode ser prejudicial se não são considerados os aspectos da língua. É preciso considerar que o respeito à língua de sinais e o desenvolvimento da consciência de sua importância é fundamental, já que em muitos espaços ela é aceita e utilizada por diversos profissionais.

A criação de terminologias e léxicos seguindo a sigmanologia através

de políticas mais específicas é de vital importância e deve ser ampliado continuamente. Com esta pesquisa foi possível perceber como as pessoas surdas se sentem com relação ao surgimento de novos sinais e se há preocupação com as regras e estruturas linguísticas em ambiente favorável na sua própria língua.

Assim, esta pesquisa evidencia a necessidade de se continuar fazendo estudos sobre o uso e a difusão da língua de sinais como formas de ampliar as possibilidades de organização de vocabulário – sem se interpor às características da língua de sinais – como forma de favorecer a interação social das pessoas surdas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 29 nov. 2018.

COSTA, M. R. *Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil*: Enciclobras – o corpo humano, 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasília.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. < <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação*

espontânea entre surdos. 2008. Monografia (Curso de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Departamento de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MATTAR, F. *Pesquisa de marketing*: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

NÓBREGA, V. R. R. Sigmanulogia: proporcionando uma teoria linguística da língua de sinais. *Revista Leitura*. v. 1 n. 57 – jan/jun 2016 – Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas Sigmanulogia – Autor/a: Valdo Ribeiro Resende da Nóbrega, p. 198-218.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teórica. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

SANTOS, P. T. A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico glossário bilíngue. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasília.

SCHMITT, D. Espaço de conforto linguístico/cultural dos surdos na

UFSC. In: QUADROS, R.M. *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, 2008.ROSSO, R. R. M. e OLIVEIRA, J. S. de O. *A normatização de artigos acadêmicos em Libras*. (2012). Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

DIVULGAÇÃO

CONHEÇA E BAIXE AS PUBLICAÇÕES DO INES EM

www.ines.gov.br/publicacoes

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos

